terrâneo, Ásia Menor, N. Síria e O. Pérsia) e a situação do local onde foi herborizada no nosso país, ela se encontre aqui no estado espontâneo.

Pelo facto de possuir brácteas interflorais, é muito bem caracterizada, por tal forma que foi primeiramente descrita como género independente. Babcock (The Genus *Crepis*, **2**: 700, 1947), atendendo a que a planta produz híbridos naturais com a subsp. *rhoedifolia* (Bieb.) Schinz et Keller de *C. foetida* L., inclui-a nesta espécie.

Espécime: Lisboa, nos terrenos à volta do Estádio Nacional, 6-V-1951, *J. Matos* 3697, COI.

Crepis foetida L. subsp. **foetida**

Mariz (Bol. Soc. Brot. 1.ª sér. **12**: 183, 1893) admite a existência em Portugal de duas variedades de *Crepis foetida* L.: var. *glandulosa* Bisch. (*C. glandulosa* Guss.) e var. *hispida* Bisch. (*C. rhoedifolia* Bieb.). Coutinho reduz estas duas variedades à categoria de formas e menciona ainda uma outra, a forma *vulgaris* (Bisch.). Quando estudámos a subsp. *commutata* atrás mencionada, fizemos a revisão minuciosa de todos os exemplares portugueses de *C. foetida* L. e confrontámo-los com os espécimes dos herbários de Willkomm e geral de Coimbra. Guiámo-nos, para isso, pela obra de Babcock — The Genus *Crepis*, **2**, 1947. Fomos, assim, levados á conclusão de que a subsp. *rhoedifolia* (Bieb.) Schinz et Keller [var. *hispida* Bisch. = forma *hispida* (Bisch.) Cout.] se não encontra no nosso país e que os exemplares portugueses que lhe têm sido referidos pertencem, como todos os outros (exceptuando o exemplar de *J. Matos* anteriormente citado) à subsp. *foetida*, isto é, ao tipo específico.

Com efeito, a subsp. *rhoedifolia* é caracterizada por não possuir pêlos glandulares no invólucro, pela maior largura das brácteas externas, pelos aquénios menores, etc. Ora, todos os espécimes portugueses, quer os que têm sido referidos à var. *glandulosa*, quer à var. *hispida*, apresentam pêlos glandulares nas brácteas involucrais.

Nalguns exemplares (Bragança, Vinhais e Portalegre), os pêlos são delgados e relativamente curtos, motivo por que a sua inclusão na subsp. *foetida* (incl. var. *grandulosa* Bisch. e var. *vulgaris* Bisch.) não ofereceu qualquer dúvida aos botânicos portugueses. Noutros (espécimes de Castelo de Vide, Beja e Faro), porém, essas formações têm pedículos mais longos e mais fortes, sendo possivelmente este aspecto que levou Mariz e Coutinho a considerarem as plantas de Beja como

pertencentes à subsp. *rhoedifolia*, na qual as brácteas do invólucro são cobertas de sedas um tanto rígidas.

SAMPAIO, com toda a razão, não distingue quaisquer formas ou variedades, atribuindo todas as plantas portuguesas a *Crepis foetida* L. e assinalando para esta espécie uma área mais vasta que COUTINHO, isto é, de Trás-os-Montes ao Baixo Alentejo. Esta distribuição não está, porém, de acordo com os dados que colhemos na consulta dos herbários portugueses, onde *Crepis foetida* L. não é representada para as Beiras. No herbário de Coimbra, encontra-se um exemplar de Faro, pelo que a área de *Crepis foetida* L. avança até ao Algarve.

Espécime: Pr. Faro, loco dicto Bela Salena, solo calcareo, 24-V-1926, *A. Mendonça* s. n., COI.

Segundo os dados que possuímos, a distribuição de *Crepis foetida* L. subsp. *foetida* no nosso país é a seguinte:

Distribuição: Trás-os-Montes, Estremadura, Alto Alentejo (PO), Baixo Alentejo e Algarve.

É de assinalar que BABCOCK não menciona Portugal ao fazer o estudo da distribuição geográfica de *C. foetida* L.

Carduus Broteroi Welw.

Da área de distribuição desta espécie, devem ser excluídas as províncias de Trás-os-Montes e Beira Alta. Com efeito, as plantas de S. Pedro da Silva, Vimioso, herborizadas por MARIZ, e as de Celorico da Beira, colhidas por M. FERREIRA, pertencem a *C. platypus* Lange. Os exemplares do rio d'Ocreza (Castelo Branco), atribuídos por MARIZ (Bol. Soc. Brot. 1.ª sér. **10**: 250, 1892) a *C. Broteroi*, são de determinação duvidosa. Pelo tamanho dos capítulos e largura das brácteas involucrais, poderiam ser incluídos nesta espécie. No entanto, diferem dela pela ausência de pêlos tearâneos no invólucro e pela curvatura das brácteas. Como nas proximidades de Castelo Branco aparece *Carduus platypus*, poder-se-á admitir que os exemplares em questão sejam formas débeis deste último. É conveniente, nas explorações a efectuar na Beira Baixa, averiguar se efectivamente *C. Broteroi* se encontra nesta província.

Carduus nigrescens Vill.

Os exemplares atribuídos por MARIZ a esta espécie (l. c. 248) pertencem uns a *C. Broteroi* Welw. (espécimes da Beira Litoral e Estremadura) e outros a *C. platypus* Lange (Ponte de Jugais).

Coutinho cita *C. nigrescens* Vill. para Portugal, com a indicação de o não ter visto. Sampaio admite a existência desta espécie no nosso país e Rozeira (in Sampaio, índice da Flora Portuguesa: 710, 1947) refere-lhe as plantas que Coutinho considerou como *C. platypus* Lange var. *granatensis* (Willk.) Pau. A consulta do herbário do Instituto Botânico de Lisboa permitiu-nos, porém, verificar que nenhum dos exemplares vistos por Pereira Coutinho se pode incluir em *C. nigrescens*. Por outro lado, a existência de *C. nigrescens* Vill. em Portugal parece-nos bastante duvidosa, visto que não observámos plantas que se lhe possam referir. Na «Flora Portuguesa» (p. 603 e 710), emprega-se como abreviatura do nome do autor de *C. nigrescens* Will. e não Vill. (Villars). Convém corrigir esta gralha, que se tem mantido desde a publicação da «Lista das espécies do herbário português» (1913, p. 139).

Carduus platypus Lange

Como, na «Flora Portuguesa», não figura *C. platypus* Lange nem *C. granatensis* Willk., procurámos averiguar a que espécie atribuia Sampaio os espécimes que Coutinho considerou como pertencentes à var. *granatensis* (Willk.) Pau de *C. platypus* Lange. Verificámos (v. índice da Flora Portuguesa) que essas plantas são referidas a *C. nigrescens* Vill. Por outro lado, os exemplares determinados por Mariz como *C. platypus* Lange são atribuídos, na mesma obra, a *C. Broteroi* Welw. Ora, grande número dos exemplares citados por Mariz são os que se encontram no herbário do Instituto Botânico de Lisboa e que Coutinho identificou como *C. platypus* var. *granatensis*. O estudo destes exemplares permitiu-nos chegar à conclusão de que, de acordo com Mariz, pertencem a *C. platypus* Lange. Só por confusão se pode compreender que na «Flora Portuguesa» se tenham considerado as mesmas plantas como pertencentes a duas espécies distintas.

A distinção entre *C. platypus* Lange e *C. granatensis* Willk. é difícil. Com efeito, as principais diferenças apontadas entre as duas espécies — maior robustez, maior comprimento dos espinhos, brácteas insensivelmente acuminadas em *C. granatensis* — não são de muito valor, pois verificámos que há uma grande variabilidade no que respeita a estes caracteres. Lange considerou *C. granatensis* Willk. como sinónimo do seu *C. platypus*, no que foi seguido por Mariz. Nos espécimes de *C. granatensis* dos herbários de Willkomm e de Madrid, notámos certos caracteres que, a nosso ver, podem servir para separar os dois taxa. Com efeito, em *C. granatensis* as brácteas do invólucro, proporcionalmente

UNIVERSIDADE DE COIMBRA BIBLIOTECA INSTITUTO BOTÂNICO

mais curtas que em *C. platypus*, encurvam-se simplesmente para fora e para baixo, de maneira que, nos exemplares secos, dobram-se geralmente com a ponta para baixo. Pelo contrário, as brácteas involucrais medianas de *C. platypus* apresentam uma dupla curvatura, primeiro para baixo e depois para cima, de forma que, nos capítulos secos e comprimidos, o ápice fica quase sempre apontando para cima. Durante uma excursão que realizámos à Beira Alta em Junho de 1953, observámos numerosos indivíduos (Guarda, Famalicão da Serra, Seixo Amarelo, Manteigas, etc.), tendo verificado que as brácteas possuiam a dupla curvatura em S deitado, característica de *C. platypus*. Por outro lado, as plantas concordavam com a descrição de Lange (Descr. Pl. Nov. Minus Cogn.: 12, 1864) e com a estampa XIX da mesma obra. Parece-nos, pois, mais de acordo com os factos referir ao tipo específico de *C. platypus* os espécimes que Coutinho considerou como var. *granatensis* (Willk.) Pau.

A distribuição geográfica desta espécie é a seguinte: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Alto Alentejo.

Nos herbários portugueses, não encontrámos nenhum exemplar de *C. platypus* da Estremadura.

ÍNDICE

FERNANDES, ROSETTE — Notas sobre a flora de Portugal-IV 85
MÖSCHL, WILHELM — *Cerastium junceum* Möschl, spec. nova 79
QUÉZEL, P. — Contribution à l'étude phytosociologique et géobotanique de la Sierra Nevada 5

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO